

# FANTASMAGORIA E PRIMEIROS POEMAS DE LEWIS CARROLL

**Traduzido por**

José Francisco Botelho  
e Paula Taitelbaum

**Ilustrado por**

AB Frost  
e Lewis Carroll





**TÍTULO ORIGINAL:** *Phantasmagoria / Early Verses*

**TEXTOS:** Lewis Carroll

**TRADUÇÃO:** José Francisco Botelho e Paula Taitelbaum

**ILUSTRAÇÕES:** AB Frost (ilustrações da Parte 1);

Lewis Carroll (ilustrações da Parte 2)

**CAPA E PROJETO GRÁFICO:** Sandro Fetter

**REVISÃO:** Heloísa Stefan

**PARATEXTO:** Paula Taitelbaum

128 páginas – 13,5cm X 20,5cm

1ª Edição – Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Carroll, Lewis, 1832-1898

Fantasmagoria e primeiros poemas de Lewis Carroll / Lewis Carroll ;  
ilustração AB Frost, Lewis Carroll ; tradução José Francisco Botelho ,  
Paula Taitelbaum. – 1. ed. – Porto Alegre, RS : Editora Piu, 2022.

Título original: Phantasmagoria / Early Verses

ISBN Livro do Estudante impresso 978-65-89241-18-8

ISBN Livro do Estudante digital 978-65-89241-17-1

1. Poesia - Literatura infantojuvenil

I. Frost, AB. II. Título.

22-125771

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

@Editora Piu, 2022

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Piu.

*Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

**Editora Piu**

[www.editorapiu.com.br](http://www.editorapiu.com.br)

[editorapiu@editorapiu.com.br](mailto:editorapiu@editorapiu.com.br)

[facebook.com/editorapiu](https://facebook.com/editorapiu)

[instagram.com/editorapiu](https://instagram.com/editorapiu)

FANTASMAGORIA  
E PRIMEIROS  
POEMAS DE  
LEWIS CARROLL

**Traduzido por**  
José Francisco Botelho  
e Paula Taitelbaum

**Ilustrado por**  
AB Frost e Lewis Carroll



# SUMÁRIO

<b>PARTE 1</b>	<b>FANTASMAGORIA</b>	<b>6</b>
{CANTO I}	O ENCONTRO	8
{CANTO II}	AS CINCO REGRAS	16
{CANTO III}	ESCARAMUÇAS	24
{CANTO IV}	SUA CRIAÇÃO	32
{CANTO V}	EMBATE	42
{CANTO VI}	BARAFUNDA	50
{CANTO VII}	TRISTE REMINISCÊNCIA	60





<b>PARTE 2 PRIMEIROS POEMAS.....</b>	<b>67</b>
Minha Fada .....	68
Pontualidade .....	70
Melodias .....	72
Irmão e Irmã .....	74
Fatos.....	76
Regras e Regulamentos.....	77
Horrores.....	80
Mal-entendidos .....	81
Aconteceu num Belo Dia.....	82
As Baladas Pesarosas Nº 1.....	84
Os Dois Irmãos.....	88
No Brejo Solitário.....	96
O Palácio dos Farsantes	
Casos de Mistério, Imaginação e Humor Nº 1 .....	100
Uma Fábula .....	104
Conto de uma Cauda .....	106
O Cabeça-dura .....	110
<b>Saiba mais.....</b>	<b>114</b>

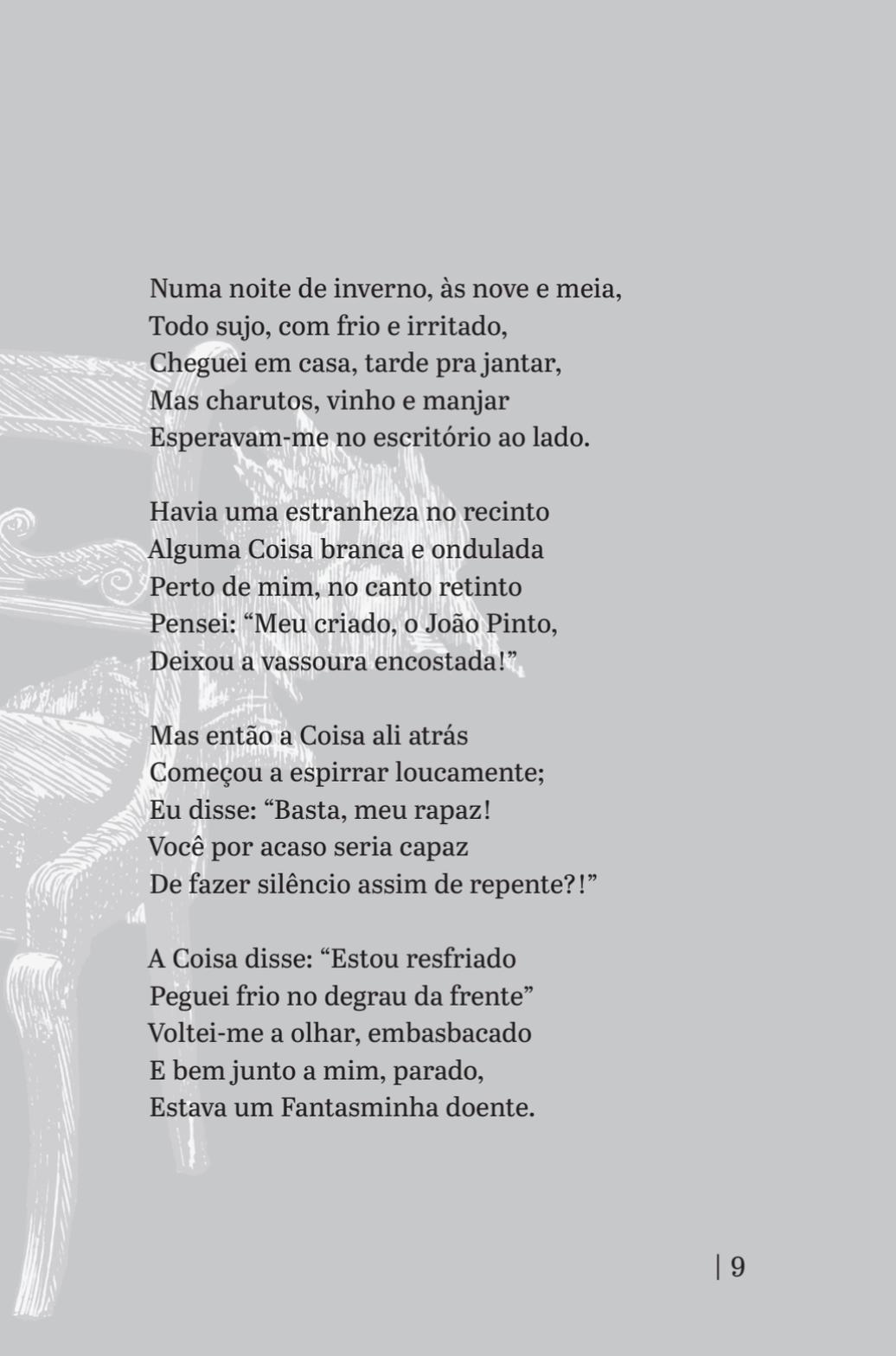
# PARTE 1

# FANTASMAGORIA

{CANTO I}

# O ENCONTRO



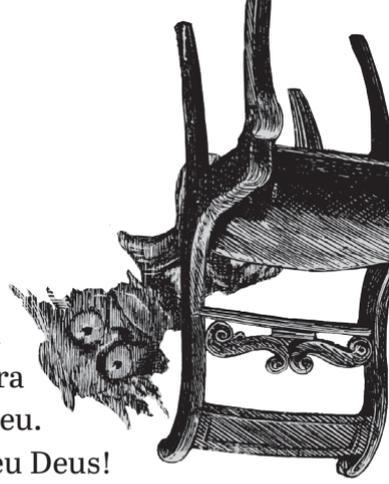


Numa noite de inverno, às nove e meia,  
Todo sujo, com frio e irritado,  
Cheguei em casa, tarde pra jantar,  
Mas charutos, vinho e manjar  
Esperavam-me no escritório ao lado.

Havia uma estranheza no recinto  
Alguma Coisa branca e ondulada  
Perto de mim, no canto retinto  
Pensei: “Meu criado, o João Pinto,  
Deixou a vassoura encostada!”

Mas então a Coisa ali atrás  
Começou a espirrar loucamente;  
Eu disse: “Basta, meu rapaz!  
Você por acaso seria capaz  
De fazer silêncio assim de repente?!”

A Coisa disse: “Estou resfriado  
Peguei frio no degrau da frente”  
Voltei-me a olhar, embasbacado  
E bem junto a mim, parado,  
Estava um Fantasminha doente.



Ao ver que eu o fitava, estremeceu  
E escondeu-se atrás de uma cadeira  
“Como chegou aqui?” Não respondeu.  
“Que fantasmilha mais tímido, meu Deus!  
Que quer? Chega dessa tremedeira!”

Ele falou enfim: “Tenha paciência,  
Pois vou lhe revelar o como e o porquê  
Mas...” (fez uma pequena reverência)  
“Você vai achar que é tudo uma demência.  
E tenho medo de irritar ainda mais você.

“E se tremo, escondido aqui no fundo,  
Permita-me comentar, de antemão,  
Que Fantasmas têm todo o direito do mundo  
De sentir o mesmo medo profundo  
Que Mortais sentem da escuridão.”

“Nada a ver”, eu disse, “É covardia:  
Pois Fantasmas surgem ao seu bel-prazer  
Já quando o espectro chega numa moradia  
O Mortal não consegue recusar sua companhia  
E diante disso nada pode fazer.”

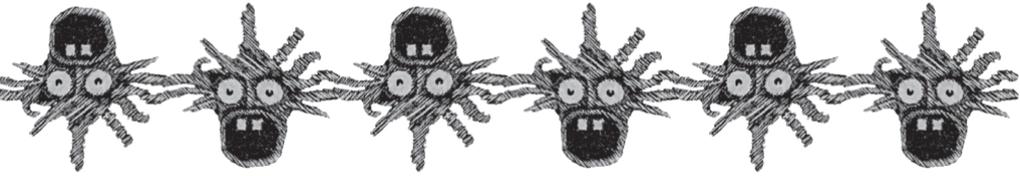


Ele disse: “Eu me assustei um pouquinho  
Não é coisa assim tão esquisita  
Você estava irritado, queria vinho  
Mas agora está aí tão calminho  
Que contarei as razões da minha visita.

“Todo lar é classificado  
De acordo com a soma de assombrações  
Que nele pode ser acomodado  
(E o inquilino é só um fardo pesado  
Como madeira, palha ou carvões).

“Esta é uma casa de ‘um-fantasma-só’  
E no último verão, logo na sua chegada,  
Você deve ter notado, antes de tirar o paletó,  
Que em meio aos móveis cheios de pó  
Lhe deu as boas-vindas uma alma penada.



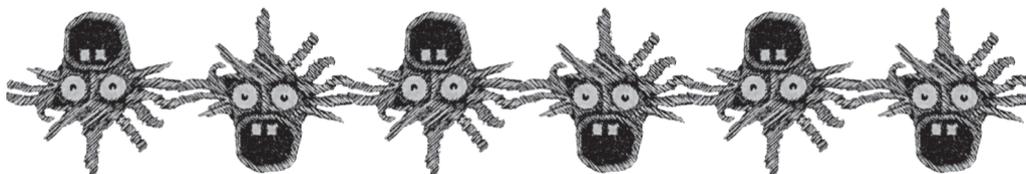


“Esse é o costume em toda casa rural,  
Mesmo quando o aluguel é barato.  
Claro, há menos diversão paranormal  
Quando só cabe um fantasma no local,  
Mas é preciso aceitar esse fato.

“O outro espectro foi-se há uma temporada;  
E desde então ninguém assombrou a mansão.  
Como nossa instituição não foi comunicada  
Simplesmente não foi feito nada  
E você ficou sem assombração.

“Um Espectro é sempre o preferido  
No preenchimento de uma vaga  
Logo depois vem o Duende, o Elfo, o Cupido,  
E, se esses forem preteridos,  
Um Gollum saído de uma saga.

“Os Espectros disseram que sua casa era ruim  
E que seu vinho era uma porcaria  
Como vê, acabou sobrando pra mim  
Fui o fantasma escolhido, no fim,  
E não pude recusar tal ‘honoraria.’”



“Decerto”, eu disse, “o eleito  
Foi o que tinham disponível, viu?  
Um pirralho todo sem jeito  
Para assombrar um homem feito.  
E isso não é um elogio!”

Ele disse: “Não sou tão jovem, senhor;  
Embora possa até parecer  
Já andei por grutas de rios, no interior,  
Por lugares ermos, de muito calor,  
Tenho experiência, pode crer.

“Porém, até o atual momento  
Não cumpri tarefa domiciliar  
E na confusão, como sou desatento,  
Esqueci as cinco regras de comportamento  
Que é preciso, ponto a ponto, decorar.”

Eu começava a simpatizar com o avoador  
Ele tinha até certo encanto e era singelo  
Mas parecia de todo apavorado  
Por um humano enfim ter encontrado;  
Estava trêmulo e amarelo.



“Enfim”, eu disse, “é ótimo ter conhecimento  
De que ser fantasma não é maldição  
Sente-se, sirva-se a contento  
Está com fome, está sedento?  
Já jantou? Pois eu ainda não.

“Eu sei que é bem esquisito  
Oferecer comida a uma alma  
A questão é que estou aflito  
Para saber das regras dos Espíritos  
Então conte-me agora com calma.”

“Vou lhe contar, tenha certeza.  
E pela bondade, sou muito grato.”  
Eu perguntei: “O que deseja?”  
“Já que oferece” – olhou a mesa –  
“Um pedacinho desse pato.

“Só uma fatia! E se não for abuso  
Um pouco do molho rosa.”  
Olhei-o então meio confuso  
Pois nunca vira algo tão difuso  
Nem coisa assim tão vaporosa.

E ele ficou mais difuso e embranquecido  
Mais vaporoso, sinuoso e sebento –  
No lume incerto e estremeado  
Ao recitar, com um bramido,  
As “Máximas do Comportamento”.



{CANTO II}

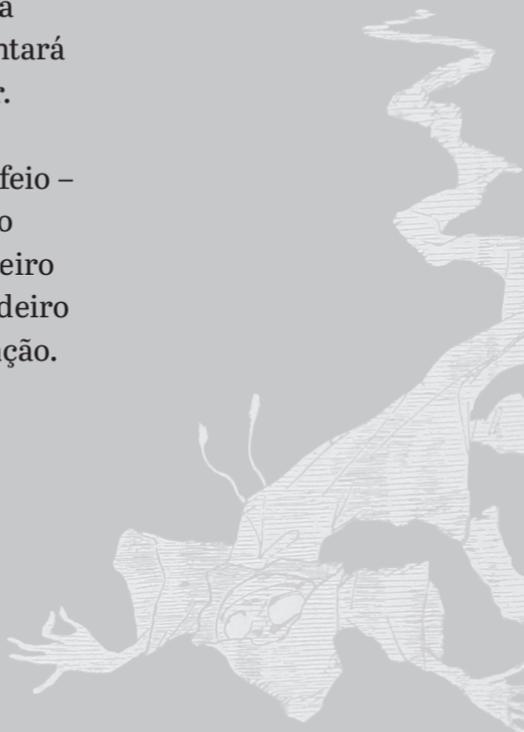
# AS CINCO REGRAS



“Primeira Regra – e não tema nada  
Nem que eu esteja armando um enleio –  
Se a vítima estiver deitada  
Deixe a cortina intocada,  
Pegue as cobertas pelo meio;

“Puxe pra cá, puxe pra lá,  
E por fim derrube o cobertor;  
E num instante você verá  
Que uma cabeça se levantará  
Cheia de espanto e furor.

“Não faça nada então – é feio –  
Nem a menor observação  
A vítima deve falar primeiro  
Pois um fantasma verdadeiro  
Não inicia uma conversação.





“Se o Mortal disser: ‘Como veio parar aqui?’  
(Exatamente como o senhor fez)  
Talvez chegue esta resposta aos ouvidos:  
‘Vim nas costas de um Morcego, meu querido’,  
Afinal, há muito fantasma cortês.

“Mas se o dono da casa ficar calado,  
O método deve mudar:  
Sacuda a porta, fique alvoroçado.  
Caso ele ronque e vire de lado  
Nada resta, a não ser lamentar.

“De dia, se ele estiver desacompanhado  
Sozinho em casa, ou a passear,  
Solte um grunhido esganiçado  
Para mostrar o tom ritmado  
Com o qual você quer conversar.

“Mas se ele estiver com os amigos  
A coisa ficará bem mais tensa  
Preste atenção no que eu lhe digo:  
Será preciso velas de candelabros antigos  
E uma porção de manteiga da despensa.

“Com isso você fará um sebo gosmento  
Para deslizar como num trenó  
Poderá se balançar nesse unguento  
De lá pra cá, de cá pra lá, fora e dentro  
Armando um grande quiprocó.



“Agora a Segunda Regra, preste atenção!  
Diz respeito a encontros mais formais  
‘Acenda um fogo púrpura ou azulão’  
(Aliás, esqueci disso nessa ocasião)  
‘E então arranhe a porta e os umbrais.’”

Eu respondi: “Vá já para fora,  
Nada de fogo no assoalho!  
Nem pense nisso a essa hora.  
Quanto à porta, comece agora:  
Eu lhe desejo um bom trabalho!”

“A Terceira Regra, juro que é verdade  
Serve para proteger os Mortais,  
Sempre tratá-los com seriedade,  
Proteger sua integridade  
E não os contradizer jamais.”

“Verdade seja dita!”, eu exclamei  
“Lembro que num tempo passado  
Alguns fantasmas que encontrei  
Não seguiam à risca essa lei  
E eram muito mal-educados.”

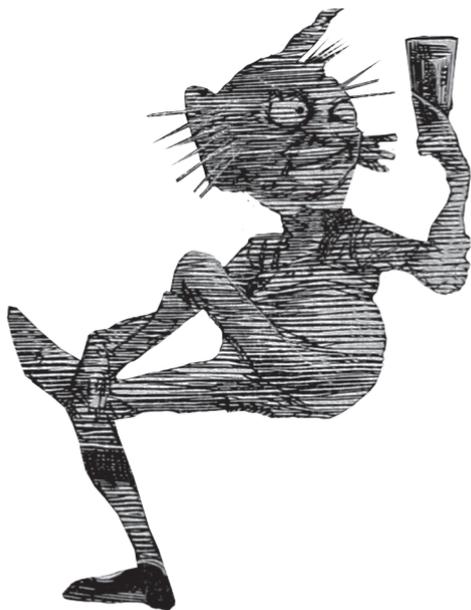
Disse: “Na certa, a sua desdita  
Foi ter rompido as leis da hospitalidade  
Todo Fantasma se irrita  
Quando um Mortal trata a visita  
Sem a devida cordialidade.

“Se o Mortal, por precipitação,  
Chama um fantasma de ‘Coisa ruim’  
Ou joga um machado em sua direção  
Nosso Rei permite encerrar a conciliação  
E o Mortal suspirará: ‘Ai de mim!’.

“A Quarta Regra veta a invasão de local  
Onde outro fantasma já esteja instalado.  
Espectro que o fizer, vai se dar mal  
(E a não ser que o Rei perdoe o tal)  
Ele será sumariamente executado.

“A execução é ser cortado em pedacinhos:  
Mas Fantasmas têm poder de regeneração  
Rapidamente juntam suas partes sozinhos.  
Sem dor, num sentimento igualzinho  
A cortar palavras numa revisão.

“A Quinta Regra é repleta de louvor  
Por isso, vou recitá-la inteira:  
— Trate o Rei como ‘Meu senhor’  
Claro, todo súdito conhece esse clamor  
A lei magna exige essa boa maneira:



“Mas se quiser escancarar de vez  
Chame-o de ‘Meu Rei-Duende!’  
Com a mais extrema polidez,  
E sempre use ‘Vossa Gloriosa Palidez’  
Pois dessa forma o Rei entende.

“E agora, de falar eu finalmente paro  
Pois já estou quase sem voz, rouco  
E se não se opõe, meu caro  
Dê-me um gole de cerveja do jarro  
Que de sede estou quase louco.”

